



MAIS DE 100 CASAS E TERRENOS À VENDA

Ad.
in Engl.

casas de PORTUGAL



**Solar Condado
de Beirós**

**Novos tempos
no Arraial
Ferreira Neto**

**Na Quinta
do Santo Espírito**

Casa do Penedo

Uma caixinha de surpresas

0000000000000



Casa do Penedo

Multifacetada e surpreendente

Alvo recente de uma profunda recuperação, a Casa do Penedo é um espaço onde a um compromisso raro entre volumes e materiais se junta, numa verdadeira dança de harmonia, um dos elementos primordiais: a água.

[TEXTO: INÉS MAIA E SILVA FOTOGRAFIA: NUNO MARTINHO]

Carro arrumado no largo da igreja da aldeia do Penedo, bem coladinha a Colares, e toca a descer pelo empedrado. A aldeia é tão pacata e minúscula que em dois minutos se percorrem as pequenas ruelas onde grassam casas mimosas de pequenas fachadas. Já na estrada de alcatrão, à beira de uma curva angulosa, mostra-se a Casa do Penedo. Semiempoleirada numa pequena encosta, ergue-se diferente de todas as moradas em redor.

Primeiro apercebemo-nos dos dois volumes, claramente diferentes, desta residência de dois andares com linhas rústicas, rodeada por um muro revestido a granito e perfeitamente enquadrada no estilo das restantes que habitam o Penedo. Num plano superior e mais recuado, um «cubo» de madeira de onde espreita uma larga varanda envidraçada. Um contraste evidente e, no entanto, pleno de harmonia. Entre esses dois níveis, estende-se um jardim relvado, com um pequeno lago, em grande parte por cima de um enorme portão, também de madeira. É a garagem.

Perguntas legítimas: trata-se de uma só habitação? Como se articulam os seus corpos? Tem-se a sensação de um golpe de arrojo e de (bom) gosto. A Casa do Penedo

tem este dom incomparável de se mostrar tão diferente como inserida na aldeia que a abriga. E, inevitavelmente, desperta-nos a curiosidade de entrar e descobrir como tudo se liga no seu interior. É esta a visão de fora para dentro.

Sempre a presença da água

Diante da porta principal escuta-se já aquele delicioso sussurro da água a correr. Um *tshshshsh* suave e relaxante. A porta principal deita directamente para a sala. Incrível como por detrás daquelas paredes grossas, da tijoleira alinhada dentro de uma esquadria de madeira, se continua a ouvir aquele *tshshshsh*. Sempre a presença da água.

Em dois pequenos níveis, a sala liga-se à cozinha, com lajes de lioz e equipada com os mais modernos aparelhos, magnificamente enquadrados pelo extenso painel de azulejos vermelho-escuros.

A casa tem este dom incomparável de se mostrar tão diferente como inserida na aldeia que a abriga.



Trata-se de uma só habitação? Como se articulam os seus corpos?



De volta à sala, alguns degraus à beira de uma varanda dão a conhecer parte de um espaço situado num nível intermédio. Da parede sobressaem duas grandes pedras de granito. Os elementos naturais começam aqui a entrar pela casa. Uma escadaria de grossa madeira embutida na parede dá acesso a um outro nível intermédio e, mais acima, a um andar superior. É a meio caminho dessa escadaria que se tem acesso a dois dos quartos. Independentes, resguardados.

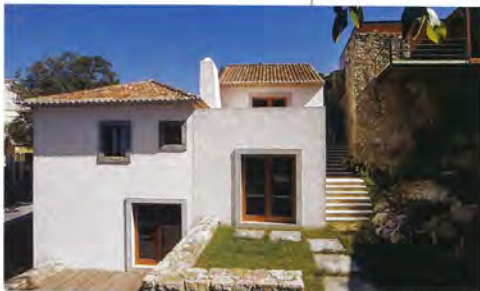
A sonoridade da água a correr torna-se mais intensa à medida que se vai subindo. Mais meia dúzia de degraus e chegamos a uma sala já fora das linhas e materiais usados nos níveis anteriores. O metal, cujo «tom» pontuava discretamente a moderna lareira da sala, começa a marcar o espaço. Sem um corte brusco, mas com diferenças claras, estamos no «outro» corpo que se adivinha por fora e que surpreende por dentro. Há um compromisso pleno dos materiais, quentes e frios, poucos em quantidade, variados na aplicação. E é nessa passagem de testemunho que viajamos de uma área quase rústica para um espaço moderno sem rupturas ostensivas. Entrámos na «gaiola» (v. «caixa»).

A cascata dentro de casa

Mais uma varanda a espreitar para o jardim, a luz intensa, que vem também de uma outra área envidraçada. O que é? O rumorejar da água impele-nos naturalmente a seguir por ali. A sonoridade da água é então complementada por uma visão única: um corredor de vidro, chão incluído, por onde se vê deslizar a água vinda de uma cascata que se mostra em todo o seu esplendor. Abrindo a porta, pode-se tocar nessa cascata. Enigma solucionado! Já não há surpresa possível! Mas há...

A divisão que se segue é uma sala na qual uma das paredes é um muro de musgo natural sobre a pedra, protegido por gigantes cascas portas envidraçadas. A água escorre com suavidade para os pisos inferiores, através de um sistema de drenagem cuidadosamente pensado para proteger de humidades a Casa do Penedo. Mais uma escadaria de madeira ladeada por um corrimão de metal se ergue nesta sala, rumo à suite principal, um espaço quase completamente envidraçado, que se deixa invadir inteiramente pela luz. Por opção e em poucos segundos, estores eléctricos asseguram, com eficácia, a cobertura do tecto de vidro.

Aqui, a Casa do Penedo assemelha-se a um ser vivo. Cheira-se. Ouve-se. Sente-se. Vê-se. Toca-se. É esta a visão de dentro para fora.



Um desafio e um conceito

Por detrás desta recuperação surpreendente está o ateliê de arquitectura de João Brandão e Margarida Gomes que, em 1998, assina o projecto inicial. O desafio de recuperar a Casa do Penedo foi norteado por um conceito que João Brandão afirmou ser marcante e transversal em todos os projectos de

Diante da porta principal escuta-se já o delicioso sussurro da água a correr



habitação do ateliê: «Quando agarramos num projecto, pensamos como é que a casa vai ver o sítio, além do seu enquadramento no exterior. É quase concebê-la como um ser vivo, com um olhar para o exterior.» Justifica-se, assim, a visão de uma sequência de planos, de cenários, numa profunda, mas discreta,

interacção com os elementos naturais envolventes. E a partir de tal conceito não é de admirar que os autores de projecto tenham ficado de tal forma impressionados com a presença da água que lhe atribuíram intencionalmente esse papel de principal protagonista.

Caixinha de surpresas

Quando entrou em fase de obra, a Casa do Penedo revelou-se uma autêntica caixinha de surpresas. À medida que se começou a escavar, «houve um universo de espaços que se revelaram e que enriqueceram o projecto original», conta João Brandão. É o caso da cascata que estava cheia de vegetação, não se percebendo exactamente o que escondia por trás. Caso, também, do aumento da sala do piso intermédio, «que deu uma noção completamente diferente dos espaços, libertando e aumentando a sua relação visual». A garagem veio a revelar-se a fonte de um manancial de granito utilizado na recuperação dos muros exteriores e em alguns espaços interiores do imóvel. Uma descoberta que possibilitou ainda aumentar consideravelmente o espaço de estacionamento, particularmente útil no Penedo.

No projecto de recuperação foram ponderadas as melhores soluções estéticas, não só para devolver a coerência a um espaço que testemunhava acréscimos desordenados – típicos de um imóvel que, possivelmente, ser-



viu fins agrícolas – mas também, no essencial, para resolver problemas funcionais, como, por exemplo, os 10 metros de desnível da casa, da estrada até ao último piso, que agora são percorridos com dois degraus aqui, mais meia dúzia ali. Também a localização estratégica de vãos, aliada à criação de áreas envidraçadas – de que é o maior e melhor exemplo o corredor entre a ruína e a «gaiola» – permitiu trazer luz a áreas interiores onde dificilmente chegaria sem recurso

Sem um corte brusco, mas com diferenças claras, estamos no «outro» corpo que se adivinha por fora